

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO—ANNO 50 (NUMEROS) 1\$000 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 500 RS.
FORA D'AVEIRO—ANNO (50 NUMEROS) 1\$125 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 570 RS.
BRAZIL, (MOEDA FORTE) E AFRICA ORIENTAL. 1\$500 RS.

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

AS ASSIGNATURAS DEVEM SER PAGAS ADIANTADAS

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

NA SECÇÃO DOS ANUNCIOS—CADA LINHA 15 RS.
NO CORPO DO JORNAL—CADA LINHA 20 RS.
NÚMERO AVULSO 30 RS., OU 100 RS. NO BRAZIL.
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—RUA DA ALFANDEGA NÚMERO, 7

AVEIRO

NÃO É MENTIRA, É SOPHISMA

A queda do jornal a *Era Nova*, e a questão que se levanta entre o sr. Silva Lisboa e os directores da empresa *Publicidade Democratica*, são um novo ensinamento áquelles republicanos que persistem no intento nefasto de seguir ás escuras os chefes do partido desprezando as edêas para fazer a apothiose das individualidades; são a demonstração cathorica das afirmações que o *Povo de Aveiro* vem fazendo ha dois annos para cá; são a continuação das nossas prophcias sobre a marcha do partido; são a ultima prova de que o agrupamento republicano estacionará em Portugal, se a massa quanto antes não pozer um dique ás ambições, aos despeitos e ás nullidades que se degladiam no seu seio.

Porque morreu a *Era Nova*? Foi por falta de recursos? Caso singular! Todo o mundo sabe que é republicana a grande maioria de Lisboa. Entretanto, ao passo que a capital do paiz dá vida desafogada e livre a uns poucos de jornaes monarchicos, só deixa viver sem obstaculos um unico jornal republicano, e esse mesmo sem excessos de receita e com uma despezta reduzida, que é o *Seculo*. Logo é manifesta e clara a dissidencia entre o espirito republicano de Lisboa e os seus representantes na imprensa. Logo estes são mal feitos, mal dirigidos, mal interpretados e estão longe, bem longe, de corresponder ás aspirações democraticas do paiz.

A *Era Nova* morreu, sem duvida, porque não tinha uma extracção de tal ordem que podesse resistir a leves erros de administração, se esses erros existiam. Porem se se tivessem agglomerado em volta d'ella algumas vontades decididas e energicas, poderia viver, porque assim tem vivido quasi todos os periodicos republicanos do paiz. Ora foi exactamente o que lhe faltou, como se vê do supplemento assignado pelo sr. Ferreira de Miranda. Mais; não só faltou á *Era Nova* a de licação valente de uma duzia de homens, como sobejaram as

dissidencias e as intrigas no seio da empresa. Dissidencias e intrigas que foram a causa principal da queda d'aquelle jornal segundo o entender do sr. Ferreira de Miranda. E eis onde está a gravidade do caso. Sim, o mal, o grande mal, consiste precisamente n'essas intrigas, n'essas calumnias, que a *coterie* dos chefes republicanos vae erguer e propagar em toda a parte. Louvado seja Deus, que sequer ao menos muitos se vão convencendo d'isso!

Porque se retiraram e tiraram quasi á vida privada alguns dos homens mais valiosos do partido que militavam na vanguarda? Porque morreu o *Diario da Tarde*? Porque morreu o *Antonio Maria*? Porque morreu a *Era Nova*? Porque estaciona a tiragem d'algum outro, como estacionou a tiragem da *Nação*? Porque a uns invade-os o tedio, a outros cansa-os e aborrece-os a calumnia e a intriga, áquelles falta-lhes a identificação com o espirito publico.

Os do *Seculo* não podiam ver os da *Era Nova*; os da *Era Nova* não podiam ver os do *Seculo*. Os sebastianistas, ou limistas, não toleram os lisboas nem os garciastas; os garciastas e os lisboas odeiam os sebastianistas, e todos juntos odeiam quem lhes diz as verdades. Garciastas e lisboas vociferam que o sr. Magalhães Lima tem medo da cadeia; sebastianistas vociferam que o sr. Lisboa só foi para o Limoeiro por reclame. Garciastas, lisboas e arriaguistas atiram-se ao sr. Magalhães Lima por elle tomar como patrono o sr. Dias Ferreira; em compensação, o proprio chefe dos sebastianistas chama aos outros vaidosos e torpes no seu jornal. Depois, aparentemente, elogiam-se e corôam-se de louros! Vaidosos, ambiciosos, não se toleram uns aos outros; fracos e nullos aproximam-se uns dos outros porque não se governam sós!

Eis a unica causa do mal estar profundo do partido republicano, causa que não temos deixado de apontar.

A nossa conducta tem sido singular no gremio democratico. Um dia seguimos os chefes, quando não os conheciamos. Discordámos desde logo da sua conducta e dissêmos-l'ho. Ouviram-nos, mas não nos attenderam. Insistimos. Debalde! Então, sem a menor sombra de despeito, porque

nunca nos faltaram, enquanto estavamos com elles, com todas as suas considerações e amabilidades, preferimos seguir um caminho opposto áquelle que muitos seguiam. Muitos conheciam-lhe os erros, mas calavam-se; nós entendemos que o silencio não fazia senão protrahir o mal estar do partido republicano, e resolvemos fallar claro. Dizer a verdade, para que a massa anonyma, elucidada, podesse seguir o verdadeiro caminho. Por fim, não é a massa que os mata; são elles que se matam! O partido illustra-se e cresce; elles não podem com o partido illustrado e grande!

Temos persistido em crêr que a nossa conducta era altamente benefica á causa democratica, e que salvava toda a nossa responsabilidade. Ahi estão provadas muitissimas das nossas accusações, confirmadas muitissimas das nossas previsões!

Pouco mais temos que acrescentar. N'esta parte a nossa missão está quasi cumprida. O que desejamos vivamente, o que mais anhelamos é que o partido republicano se não deixe vencer pelo desalento e saiba passar de frente erguida por cima de todos os tropeços. D'essa forma, nenhum dos chamados dissidentes deixará de o acompanhar, lutando com valor e arrostando o perigo na luta pacifica, na luta da barricada, ou no proprio cadafalso onde irêmos parar segundo a opinião grandiloqua do *Jaquina*. Se os chefes são todos, sem excepção, ou imbecis ou ambiciosos, dê-se-lhe um pontapé e avante.

O sr. Ferreira de Miranda receia convencer-se de que o partido republicano seja em Portugal uma mentira. Não é mentira, mas no seu estado actual é um sophisma, é uma burla!

A INGLATERRA EM... TALLAS

Um celebre homem publico cujo nome nos não occorre disse algures que os maiores inimigos da Inglaterra eram o seu despropositado egoismo e ambição extrema, e que o seu dominio avassalador seria por isso mesmo circumscripto n'um periodo não muito tarde á sua primitiva ilha na Europa.

Nós que temos sido o cordeiro em holocausto permanente á voracidade da nossa alliada, não escondemos a natural predisposição do nosso espirito contra quem em toda a parte e em todos os tempos tem affrontado a nossa dignidade nacional.

Não ha opprobrio de que a Grã-Bretanha se não tenha servido para avassallar. A sua poderosa esquadra venceu a canhão muitas difficuldades, e as sterlinas tem completado pelo suborno a obra colossal das suas aventuras. Agora surgem os odios accumulados ha dezenas de annos, e a Inglaterra tão arrogante é batida e escoraçada em toda a parte. Chypre que ella pescou nas aguas turvas da campanha turco-russa será provavelmente o epilogo das suas rapinias.

Na Zululandia, no Transwal, no Egypto, e ultimamente na conferencia de Berlim accentuou-se o seu desprestigio d'uma forma saliente. A guerra do Egypto foi um enorme desastre; os boers rechaçaram-na n'uma lucha desesperada, impondo condições de guerra á soberba Grã-Bretanha; os zulus trucidaram-lhe milhares de homens; e na conferencia de Berlim não pescou nenhuma Chypre.

A Russia que não esquece os serviços prestados pela Inglaterra á Turquia na ultima guerra, ameaça invadir pelo Herat o enorme imperio inglez da India. O proprio Gladstone não esconde a melindrosa situação, e diz que entre os dois estados ha pendentes algumas questões da maior gravidade. Na previsão d'um conflicto está organisando um exercito que deve marchar até ás fronteiras do Afghanistan. Por sua vez a Russia reforça a sua esquadra e o seu exercito.

Na camara dos communs da Inglaterra o deputado Chaplain perguntou ao governo inglez se recebera, ha alguns mezes, a comunicação de um personagem altamente collocado na administração das Indias, de que a Russia, n'um praso de 80 a 100 dias, pua em pé de guerra 75:000 homens para invadir as Indias com grande esperanza de successo. Lord Harrington, ministro da guerra, respondeu que se trata evidentemente d'um memorandum que circulou no quartel general do exercito das Indias, mas que não foi submettido ao governo. N'este estado de cousas o minis-

tro declinou exprimir a sua opinião a este respeito e julga de interesse publico não fornecer á camara informações das medidas tomadas pelo governo das Indias para a defeza do territorio.

O *Standard* diz que as auctoridades militares da India receberam ordem de reforçar com uma brigada supplementar de infantaria as guarnições de Quettah e de Pesheen.

A Irlanda parece querer tentar o ultimo esforço contra a oppressão britannica. Ha de ser uma lucha de desespero contra a tyrannia; lucha titanica, homerica, porque são os crimes d'uma raça oppressora dominando com todas as infamias e atrocidades um povo de heroes. Não é facil prever o desenlace do cataclismo que ameaça a Inglaterra em todos os seus dominios, na Irlanda, e no proprio coração da Inglaterra.

Um dos membros dos *Inventiveis*, que é irlandez, dirige á sua inimiga uma ameaça formidavel.

«O terror, diz elle, começará em breve. Lançaremos a consternação em toda a Inglaterra. Paralytaremos o seu commercio por todos os meios possiveis. Cromwell tentou exterminar a Irlanda. Os governos que lhe succederam depois quizeram matar-nos pela fome; forçaram-nos a abandonar a nossa terra, a emigrar. As nações são castigadas como os individuos. Será um combate de morte contra a Inglaterra, combate que acabará pelo levantamento dos irlandezes, tanto no seu torrão natal como em todos os angulos do mundo onde andam dispersos, contra o inimigo da sua raça.»

Por outro lado confirma-se a terrivel intenção dos irlandezes americanos prestarem auxilio ao Mahdi com toda a força do odio que tem á Inglaterra.

Além dos soldados prepara-se tambem para o Mahdi a remessa de sommas bastante consideraveis em dinheiro, recolhidas por subscrição nos circulos irlandezes da America. Essa subscrição alcança já a cifra de 15.000 libras esterlinas, ou 67:500\$000 reis.

A Alemanha, que não escondeu na reunião internacional de Berlim a sua indifferença pelos delegados britannicos, accentuou pela bocca do seu chanceller no parlamento allemão um profundo desprezo pela arrogante Grã-Bre-

FOLHETIM

A MORAL DOS JESUITAS

(Continuação)
(DOS NOTABILÍSSIMOS DISCURSOS PROFERIDOS NA CAMARA FRANCESA PELO ILUSTRE SABIO PAUL BERT.)
Porem não se contenta com esta enumeração ritual e acrescenta:
«Pode-se pecar de tres maneiras por accões...» (Ruidosas manifestações na esquerda.)

«Muitas vozes».—E' de mais!
O sr. «barão de Ladoucette».—Esse padre deve ser um de que se fallou muito em Nancy e que foi expulso do ensino.

O sr. «Paul Bert».—Perdoae-me, senhores, o eu ter entrado em tantas particularidades repugnantes e ter divulgado aqui certas cousas que nunca appareceram á luz na tribuna franceza. A culpa não é minha; é d'aquelles que dizem e proclamam com audacia «urbi et orbi» que são os guardas fleis da moral. (Applausos na esquerda e no centro)

Pois bem, que fazem elles da moral? Ahi tendes varias amostras. Podeis imaginar o que será o seu ensino oral pelo que conheceis do seu ensino escripto.

Deixemos agora todas essas vergonhas; todas essas ignominias; encaradas as cousas sob o ponto de vista pedagógico e moral, encaremos-las sob o ponto de vista politico.

Entendo que para se comprehender bem o lado politico d'esta questão, no que toca particularmente aos jesuitas e por conseguinte ás congregações religiosas que se lhe juntaram, é preciso saber em que condições foi instituida aquella ordem celebre e se essas condições se similham singularmente áquellas em que hoje se encontram.

Os jesuitas datam de 1534. Acabava de nascer a reforma; um vento de livre exame açoitava a Europa occidental. O tratado de Nuremberg arrancou a Alemanha ao papado, assegurando-lhe a liberdade de cultos. A França estava ameaçada de protestantismo; Calvino publicava o seu primeiro livro. Foi então que appareceu Ignacio de Loyola.

Não era um homem ordinario nem modicore; comprehendeu que ao lado das velhas ordens monacae de costume diversos, dedicadas a obras particulares, ficava bem uma milicia especial com o fim unico de combater o livre exame e reconduzir á obediencia papal os povos que tendiam a abandonar-na. Ora a essa milicia era indispensavel, como ás tropas, a submissão absoluta e passiva.
Fundou a sociedade de Jesus. Esta sociedade correspondia a uma necessidade de tal modo instante, que surgiu em toda a parte como uma verdadeira explosão. Em menos de cem annos, os jesuitas existiam em todo o mundo, governando, trabalhando e tambem irritando e excitando desde logo, pois já n'este tempo se cantava:
Gubernant spirituale
Gubernant et temporale
Gubernant omnia male
com o estribilho:

O vos, qui cum Jesu itis
Non ite cum Jesuitis
Já n'este tempo, senhores, os jesuitas provocavam o ciúme, a cholera, e mesmo a indignação.
Entretanto a sua obra estava realisada. Arrancaram á heresia a França, a Hespanha e a Saboya ameaçadas. Que podiam fazer mais? A Alemanha, a Inglaterra e os paizes Scandinavos estavam perdidos para a fé catholica. Em França e Hespanha, pelo contrario, não havia nada a receiar pelo catholicismo. Depois da Renascença a liberdade de consciencia e a liberdade politica soborraram nos paizes latinos.
Reis poderosos, os unguidos do Senhor, os homens do direito divino, que professavam a religião catholica, juravam executar as leis da Igreja de que se declaravam filhos submissos e fleis, juravam exterminar os hereticos, offe-

taha. A causa do incidente foi a destruição de algumas feitorias inglesas na bahia dos Camarões, na lucta travada entre um vapor allemão e os negros do paiz, por cujo motivo a Inglaterra exigia da Alemanha uma indemnisação, que esta se negou a satisfazer.

E' vil o procedimento que se apoia no direito da força; mas a Inglaterra não tem perdido o ensejo de prevalecer-se d'essas vantagens exercidas cynicamente contra os mais fracos.

Mas os periodicos francezes põem no ultimo discurso de Bismarck uma linguagem sobremaneira depressiva pela dignidade britannica, tratando a politica ingleza e os ministros da rainha Victoria com um desdém que teria ainda ha pouco feito explodir o orgulho bretão.

A nossa alliada está, pois, á prova das angustias.

CARTAS

Da ultima carta de nosso correspondente que se nos chegou aqui na noute de sabbado para domingo aproveitamos alguns paragraphos mais importantes.

—Na tarde de segunda feira, duas raparigas jogaram o socco de grande na travessa dos Fieis de Deus. Metteu-se na contenda um valentão, como ha muitos por esse mundo fóra, que espancou barbaramente, armado de bengala, uma das pobres raparigas. Que miseravel!

A proposito dir-lhes-hei que na minha ultima carta escrevi, ao referir-me a uma scena de pugilato entre duas damas elegantes, *valentemente e não violentamente* como sahiu. Violentamente com certeza, mas valentemente tambem. O lapso não teria importancia alguma se eu não quizesse frisar a circumstancia das mulheres se estarem portando entre nós com maior valentia do que a maior parte dos mariolas que constituem esta sociedade degradante.

—No mesmo dia, segunda feira, á meia noute, houve seria bordada na travessa de S. Placido entre homens e mulheres! Um dos policias que acudiram, alem de levar a sua taponia ficou com o casaco rasgado. Quasi todos os desordeiros se evadiram. Ainda assim ficaram dois homens e duas mulheres em poder da policia.

Bravissimo, senhoras mulheres! Os homens bem merecem os vossos castigos. E' dar-lhe a cahir. Não dizia eu que se ellas principiavam nunca acabavam?

—Tem sido muito discutido na imprensa o infamissimo assalto á redacção do *Correio de Aljô* por uma sucia de selvagens de Sanfins. O que tem graça, carra-das de graça, é que um dos assaltantes mais assanhados era exactamente o professor de instrucção primaria da terra!! Que grande educador de creanças! E está tudo assim.

—Espera-se brevemente algumas mudanças na officialidade inferior de cavallaria.

—Ainda se não realizou o famoso duello entre o sr. Dias Ferreira e o sr. Fontes. Parece que os contendores deram parte á policia.

D'ahi a demora!

—O *Microbio*, revista do anno, continua a dar enchentes successivas ao theatro Chalet. Tem graça, apesar da sua pouca ou nenhuma moralidade. E' um verdadeiro espelho da nossa sociedade. Por isso ella corre a applaudi-lo tanto! O que seria bom, é que o sr. Jacobetty evitasse os exageros do Zésinho e do guarda portão da Eternidade, que estragam as coplas engraçadas do quarto acto. O Zésinho seria muito aproveitavel, se alguém o moderasse. O Zé é que desempenha perfeitamente o seu papel. Um bom actor. A Couve, essa faz as delicias da plateia, a marotona!!!

Lisboa, 13 de março.

Na sexta feira passada perdi um bocadito de tempo, que me poderia ser util empregado em outra cousa, á escrever uma das minhas cartas semanaes para o *Povo de Aveiro*; e os leitores perderam no domingo algumas noticias de Lisboa. A minha carta não chegou ao seu destino a horas de ser publicada. Que se não assuste de que o accusar porque a culpa não foi sua. Foi d'um servical que aqui tenho e que é tão diligente que quasi sempre deixa para o dia immediato as cartas mais urgentes que n'um dia qualquer lhe dou para expirar. E' poeta e está dito tudo. Melhor poeta, por signal, do que varios escrivanhadores enfatuados que *massam* a humanidade com versinhos de pé quebrado.

Já na minha ultima carta me referia aos crimes monstruosos de Pedro Soriano, que tão vivamente prendem ha dez dias a attenção de Lisboa e creio que de todo o paiz. Agora é tarde para me alargar em minuciosidades e considerações. Estou convencido de que não ha um só leitor do *Povo de Aveiro* que não conheça a estas horas as minimas particularidades do elo de infamias que se arrasta atraz do Soriano. Só quero precisar duas circumstancias, que continuam a demonstrar a degradação em que cahiu a sociedade portugueza.

A primeira é que o verdadeiro culpado dos crimes do Soriano é o governo d'esta terra. O Soriano era um vadio, um desavergonhado. Um dia, qualquer situação politica que para ali estava, que me não lembro agora se era regeneradora, se era progressista, encarregou-o de prender um homem valente, decidido, d'aquelles que só succumbem em emboscadas de malandros. Era o José das Rêdes, um contrabandista do Algarve. O Soriano desempenhou bem a missão.

Fez-se o melhor amigo do José das Rêdes. Aproveitou a sua hospitalidade franca e aberta para lhe comer o melhor dos jantares e dormir descansado sob um tecto leal. Não lhe entrou só em casa; entrou-lhe tambem no coração. Mas quando o contrabandista o fazia confidente das suas alegrias, das suas maguas, das suas affeições, quando julgava ter obtido um pouquinho d'amor na alma d'um homem sincero e bom, o biltre apunhalou-o pelas costas, rastejando na sombra co-

mo vibora ingrata. Entregou-o á justiça, aquelle miseravel, que não ousando arcar face a face com um homem de coragem, abusou dos sentimentos mais puros da amizade e da honra para praticar uma verdadeira infamia.

E que fez o governo de sua magestade? Ergueu o vadio da lama em que chafurdava até um alto posto nas alfandegas do reino. Galardoou a traição, a covardia, a vileza. Sancionou o crime, fez do criminoso um alto funcionario do Estado. E do crime surgiu o crime!

A estrada do crime é uma só. Em geral, quem n'ella se atreveu um dia não pára nem hesita; vae até ao fim.

Hoje appella-se para a justiça official. Qual justiça? Arrastae ao banco dos reus o ministro que premiou a infamia. Atae-lhe uma grilheta ao pé e só então podereis, quando muito, acorrentar ao seu destino o vadio que prendeu o José das Rêdes. Não é justiça a que fere o vadio e deixa impune o ministro, que tendo por missão erguer o nivel moral d'um povo, foi atascar no lodo isso que se chama pudor, decoro ou dignidade. Não é justiça; é desordem, é anarchia, é podridão.

A segunda circumstancia que eu queria precisar, é a conducta indigna que parte da imprensa e alguns devassos anonymos tem tido com a pobre Maria Eugenia. A infeliz não foi victima do heroe Soriano; foi cúmplice! A infeliz não foi illudida ao casamento; foi illudir sua mãe! A infeliz não é honesta nem pura, porque soffria resignada e calada todas as infamias se fosse honesta e pura; é uma prostituta, que faz reclamação á prostituição.

Oh, que miseraveis! Bem se vê como esta sociedade está requerendo dynamite em doses avultadas. Bem se vê como a civilização passa tão vagarosa e lenta sobre esta corja que se roça nas repartições do estado, nos centros do dandysmo, no salão do burguez. Para elles, a mulher é o mesmo animal selvagem que era ha trez seculos. Não tem direitos nem deveres. O seu direito é soffrir e calar os insultos do homem; o seu dever é curvar-se á devassidão do dandysmo e acceita-la.

E' certo que Soriano tem uma chronica de infamias e que Maria Eugenia teve sempre uma vida impolluta e digna. Ninguem o contesta. Mas Maria Eugenia é uma verdadeira meretriz porque foi accusar o seductor, porque não occultou os seus vicios! Pois é; bastava-lhe para consolo extremo que o *grandé e illustre* Soriano se houvesse dignado olhar para ella! Que mais queria a triste?

Está claro que a unica maneira de defender Soriano é apresentar a rapariga como cúmplice e não como illudida no celeberrimo casamento. Provado isso, só fica contra o figurão o attentado do homicidio na pessoa do guarda. Mas como este está vivo, dá-se impossibilidade de trabalhar ou por oito ou dez dias e depois a sociedade fica satisfeita se o illustre figurão for castigado... com quinze dias de cadeia.

A tactica era boa. A rapariga dizia que havia sido illudida e que acreditara n'um casamento serio.

As suppostas testemunhas do casamento diziam que tudo aquillo não fóra mais do que uma pura brincadeira para enganar a velhita, (a mãe) e que a rapariga sabia da palhaçada. Como se averiguaria ao certo a verdade? Onde estavam as provas evidentes em pró d'uma ou ontra affirmação?

Porem de repente muda o caso de figura. O sr. marquez de Angeja declara que na epocha provavel do tal casamento supposto, encontrara o Soriano no Rocio e lhe perguntara se tinha uma capella onde elle podesse realizar um casamento. O sr. marquez respondeu-lhe que sim; que tinha a capella do seu palacio. Então o Soriano retorquiu que não era um casamento serio; que era um casamento fingido para elle illudir duas broncas da provincia (duas, notem, que era a mãe e a filha). O sr. marquez, assim que reconheceu a pouca vergonha, começou logo com mil evasivas acabando por declarar ao Soriano que em casamentos não se mettia, nem a serio, nem a mangar. *Duas provincianas*, hein? Está ou não provado que o Soriano illudiu a rapariga? Está provado por unanimidade na consciencia publica (com a consciencia dos patifes não se conta). E eis a derrocada d'um castello de maroteiras!

Depois era preciso que a rapariga fosse d'uma perversidade e sem igual para enganar a tal ponto sua mãe. O que a detinha? Não podia fugir com o amante para onde quizesse, sem arrastar sua mãe a uma grandissima patifaria, a mãe, um ente que conserva geralmente o respeito de todas as mulheres, mesmo d'aquellas que chegam á ultima depravação? Não; ella, que está averiguado ter tido sempre uma vida immaculada, era capaz de tamanha infamia; o Soriano, o chefe da *sociedade dos terriveis*, o amigo do José das Rêdes, o devasso dos centros immundos de Lisboa, não era capaz de arranjar um casamento falso para illudir uma formosa rapariga! Esqueçamos com tedio a defeza infeliz do criminoso e adeante.

Final não me queria alargar em considerações e fui-me alargando até me faltar o tempo e o espaço para fallar em outras noticias importantes.

—Outro crime monstruoso acaba de impressionar a população de Lisboa, o crime da rua Formosa. Na noute de segunda para terça feira foi assassinada n'uma pobre mansarda d'aquella rua uma mulhersinha que vivia na companhia d'um irmão. Ha todas as probabilidades de que foi este o autor do horroroso assassinato. Entretanto averiguou-se que viveu sempre nas melhores relações com a irmã e que não foi movido ao crime por nenhuma causa de cubica, odio ou excitação. Assegura-se que soffre de loucura religiosa, de que a irmã tambem soffria ultimamente. Loucura religio-sa! Eis um magnifico assumpto para largas dissertações. Fica para outra occasião.

Para mim é ponto assente que o homem está doido. E' essa tambem a opinião geralmente seguida aqui. Lisboa até no crime progride!

—A *Era Nova* suspendeu a sua publicação. E' cazo estranho que

sendo Lisboa uma cidade profundamente republicana, não sustente livremente alguns jornaes d'este partido. Pois podiam e deviam viver alguns e com lucro. Compreende-se que os jornaes republicanos vivam nas provincias com muitas difficuldades, ou não se possam mesmo sustentar. Era o que succedia em Lisboa ha dez annos apenas. Mas hoje! Repetimos:— é caso estranho.

Y.

Bairrada, 13 de Março

A agricultura local, a não ser no atrazo dos servicos, não se tem resentido das irregularidades athmosphéricas.

Esta localidade tem sido até aqui poupada das grandes avarias que o temporal tem causado em varios pontos do paiz e inclusivamente no districto d'Aveiro. O arvoredado não tem sido aqui destruido, como aconteceu em alguns campos das nossas provincias do norte, e nas povoações rurales não nos consta que se tenham notado estragos dignos de referencia. Antes assim. Os servicos nas vinhas é que se vão atrazando com a prolongação das chuvas. Sobre-tudo era tempo de cavar as vinhas situadas em terrenos altos e de areia.

As arvores fructíferas trazem uma nascença promettedora.

Tem continuado a haver uma grande procura dos vinhos da Bairrada para exportação para França.

Os preços subiram, e hoje difficilmente se encontra vinho de primeira qualidade por menos de 24000 a 25000 a pipa de 560 litros.

Queixa-se o Douro de que a Bairrada faz uma grande concorrência aos seus vinhos de consumo.

Assim será. Mas o prego relativamente baixo por que este anno se venderam os vinhos de 1.ª qualidade da Bairrada, pois se fiseram muitas e importantes transacções a 22500, e a boa prova que os vinhos deram em Bordeus, explica de certo a grande procura do genero, havendo ainda a notar que os vinhos da Bairrada, por serem muito encorpados, cobertos e tanninosos representam satisfactoriamente o papel de vinhos neutros, e são estes os que o commercio francez procura hoje de preferencia.

O que podemos affiançar é que na Bairrada o vinho é feito sem adulteração, apenas alguns lavradores empregam a baga em pequenissimas porções para dar mais cor aos vinhos descolorados, considerados de 2.ª qualidade, porque os de 1.ª tem tinta de abundancia.

A variola continua a fazer alguns estragos em diversas povoações desta localidade.

Ultimamente o povo tem procurado a vacina, reconhecendo a necessidade do uso d'este salutar antidoto contra o terrivel mal que hoje anda tão espalhado.

—A *Era Nova* suspendeu a sua publicação. E' cazo estranho que

recendo garantias completas a Roma e á Igreja. D'ahi em diante os jesuitas pouco tinham a obter, quer no dominio politico, quer no dominio temporal. Os papas negociavam ou tratavam directamente com os reis, usurpando-se reciprocamente no terreno temporal e na região do espirital.

Os jesuitas occuparam-se então da instrucção, de negocios, do commercio. Sabeis como essa estrada os conduziu ao precipicio. Principiaram a tractar muito de confissões, de casuistica, apresentando aos principes aquelle «caminho de velludo» que vae até ao paraíso, de que falla Escobar. Mas perderam muito da sua importancia. Algumas individualidades eminentes da ordem não perderam, sem duvida a influencia sobre a situação dos povos, graças ao seu estado de confesores dos reis; mas o grosso da sociedade abandonou a scena puramente politica.

Todavia, mesmo na sua lucta de casuistica, de dogma, não esqueciam o fim para que foram creados. Por um lado continuavam o ataque contra as menores manifestações do livre exame, e Port Royal cahiu debaixo dos seus golpes; por outro lado eram tenazes em fazer sempre triumphar o poder papal e por toda a parte.

Em compensação ao passo que os reis os proscriviam, as azas do capricho d'um favorito ou d'uma amante, de uma Maintenont, d'um Pombal, ou de uma Pompadour, os papas, reconhecidos e sagazes, sustentavam sempre os seus melhores soldados e só com uma verdadeira dor o com o coração a dilacerar-se é que Clemente XIV os supprimiu, comprehendendo bem que a ordem dos jesuitas era uma milicia inteiramente dedicada aos interesses da santa sé e da Igreja.

Depois veio a Revolução.

A Revolução não proclamou, não creou religião como fizera a renascença. Apoz uma curta phase de perseguição deu a liberdade a todas as religiões e a todos os cultos; mas, por isso mesmo, permittiu aos jesuitas que reurgissem e que readquirissem a sua autoridade no mundo catholico.

Para o papado existia o mesmo perigo que no seculo desesais. A ameaça, agora, que não estava no protestantismo, estava no racionalismo. O poder civil secularisava-se definitivamente. A Igreja poderia ser consultada algumas vezes, mas não tornaria a mandar como senhora absoluta. Entretanto, não haveria appello, não haveria recurso d'aquella Revolução? Estariam perdidas todas as esperanças? Os jesuitas, que contribuíram para salvar o papado na grande crise da Reforma, poteram-se á frente do movimento para tentar salvar o da Revolução. Mas haviam de fazer

pagar caro o seu auxilio, haviam de o fazer caro ao catholicismo inteiro.

Assim, depois de terem atravessado um longo periodo em que não tiveram maior influencia do que as outras ordens religiosas chegaram, depois da Revolução, a fazer predominar na Igreja as suas opiniões particulares, a ponto d'essas opiniões se tornarem artigos de fé.

E' porque ao mesmo tempo que combatiam pelo papa e pela Igreja, ao mesmo tempo que a velha companhia retomava as armas em serviço do padre Santo, estabelecia condições, impunha ao catholicismo as suas opiniões pessoais e esforçava-se a acceitar o dogma da Immaculada Conceição e o da infallibilidade do papa fallando «ex cathedra». (Muito bem, muito bem, na esquerda e no centro.) Sim, senhoras, a sociedade de Jesus foi encarregada de deter o mundo moderno no declive do livre

pensamento. Em primeiro lugar, espera reconduzir arrependida á Igreja e a Roma, a sua filha predilecta, a sua filha tão rica e tão poderosa, a França, que d'ella se separou. Tem por missão pôr a mão sobre a nossa sociedade em nome da Igreja; não, por certo, de uma forma brutal, porque se o papa quer mandar sobre os principes e republicas, é preciso proceder de modo que esses principes e essas republicas cheguem a dar ao catholicismo e á Igreja todo o poder e auctoridade perdidas.

E' por isso que n'este paiz e nos paizes vizinhos se trava uma luta suprema com a sociedade de Jesus; é por isso que o artigo 7, na minha opinião, é apenas um accidente monstruoso, ou antes o primeiro acto d'esse grande combate.

(CONCLUE.)

COMMUNICADO

EXPLICAÇÕES NECESSARIAS

Deparando casualmente no «Povo de Aveiro» de domingo ultimo com uma noticia n'elle inserida a pedido das mysteriosas iniciaes F. P. M., e que diz respeito á «decantada» Philantropia dos Estudantes d'Aveiro de que faço parte como membro da nova commissão executiva, não pude deixar-me ficar no escuro sem vir para a luz de affrontar abertamente a minha dignidade mais ou menos ultrajada.

A parte umas exigencias explicativas necessariamente justas, ha no final d'essa noticia uma allusão violenta e grosseira que, sem duvida, põe em risco os meus sentimentos d'honrabilidade e polluta.

Por isso, para desde já varrer a minha testada e a dos meus outros collegas de qualquer arguição menos justa ou duvidosa, passo a elucidar o «espiritualoso» qão obstinado noticiario F. P. M. sobre certos pontos indispensaveis do assumpto em questão.

Depois do legalmente eleita por maioria a nova commissão executiva da Philantropia, deu-se começo aos primeiros trabalhos. Para isso examinaram-se todos os livros que logo se receberam das mãos dos preteritos membros, tratando-se em seguida d'officiar aos dois antigos thesoureiros, ausentes, para que immediatamente viessem prestar contas.

Nada de novo, como certamente já a estas horas ha de saber o sr. F. P. M.

O silencio foi o que a commissão teve como resposta á sua primeira participação. Segunda vez se insistiu, e d'esta occasião veio noticia d'um d'elles, que dizia preparar-se para vir a Aveiro dar conta do seu cargo.

Este era o sr. Ricardo Souto, alumno na Polytechnica do Porto. Se veio ou não, nada podemos dizer, porque ninguém nos appareceu, como devia.

Por terceira e muitas mais vezes tornámos a «implorar» da surda «magnitude» dos dois snrs. thesoureiros prompta decisão nos seus serios deveres.

Conclusão? — Zero!

Um d'ellos, o sr. Pinhal, tambem alumno na Escola Medica do Porto, nem ao menos se dignou mimoscar-nos com duas letrinhas.

Sabemos contudo que na Caixa Economica d'Aveiro estão os principaes fundos da Philantropia depositados em nome d'este snr.

Com certeza esse dinheiro, ao tempo que lá está, deve já ter vencidos os juros correspondentes. Desejavamos pois que se desse uma satisfação de tudo isto, e ao mesmo tempo o levantamento d'essas quantias para a Philantropia lhe dar o rumo mais proprio e justo.

Nada porém conseguimos até hoje. A vista d'este censuravel e pouco honesto proceder dos dois thesoureiros que queria o «amavel» F. P. M. que nós fizéssemos?

Pela minha parte declaro: só seguindo outros meios mais energicos, que na verdade iamõs poupando com receio d'offender melindres.

Eis affim dadas as explicações que mais escudam principalmente a minha individualidade secundaria.

Sem mais

Renato Franco.

NOTICIARIO

Aos srs. assignantes a quem nos dirigimos hoje por carta, rogámos a fineza de não fazerem demorar o pedido que n'ella fazemos.

Hotel Cysne do Vouga

Installa-se hoje definitivamente no seu novo edificio o hotel Cysne do Vouga, na rua d'Alfandega, n.º 3, 4, 5, 6, e 7. Para que o publico encontre todas as commodidades estão-se concluindo importantes trabalhos de retificação, transformando o vasto edificio n'um hotel de primeira ordem.

A actividade do seu proprietario, o nosso amigo o sr. Fernando Christo, conseguiu que o hotel Cysne do Vouga seja conhecido em todo o paiz.

A nova casa, em esplendidas condições de salubridade, com quartos amplos e ventilados, collocada n'um dos centros de mais movimento, tem na frente da sua fachada o panorama lindissimo da ria até ás dunas que bordam o oceano, que nos manda nas suas exalações o mais puro oxigenio.

Do movimento, acoio e mais requisitos do hotel Cysne do Vouga, não fallámos, porque não o fariamos melhor do que o descreveu Eduardo Coelho no *Diario de*

Noticias, quando s. ex.ª passou n'esta cidade. Damos-lhe por isso a palavra, e ao que diz, nada mais podemos acrescentar.

Depois installámos o nosso escriptorio de expediente nos quartos do 2.º andar do hotel Cysne do Vouga, mantido por D. Maria Carolina Christo e seu marido. Mobilia nova, simples e assaiada. Serviço feito com asseio e abundancia, e por pessoas bem educadas, convenientes e de bons modos, sem que nos levem nada mais por isso. Preços em extremo razoaveis: 8\$000 réis por dois, durante quatro dias, com extraordinarios, serviço no quarto, vélas á descripção. Em qualquer cidade de além dos Peryneos só de velas nos teriam mettido na conta esta verba: *bougies 10 francs*; e depois outra: *service 4 francs*; e ainda esta: *extraordinaires 16 francs*, e arredondavam a conta com outras verbas até exceder o dobro.

Proximo das dez horas da noite de quinta feira os sinos dos paços do concelho deram signal d'incendio para o edificio em que habita o sr. Alfredo Osorio, proximo ao jardim.

Averiguado, não havia fogo. Uns ratoneiros tentaram penetrar n'uma casa contigua á d'aquelle sr., e a locataria pedindo socorro em gritos affictivos, fez alarmar as serviaes do sr. Alfredo Osorio que ás subitas impressões suppozeram ter incendio em casa, pelo que uma d'ellas chegou a ir á guarda da cadeia pedir que tocasse ao fogo.

Felizmente não passou de susto.

Agora uma coincidência para a qual chamámos a attenção da auctoridade administractiva. O *Campeão das Provincias* referia-se n'um dos seus ultimos numeros a um incendio na rua dos Tavares, onde parece haverem vestigios de crime. Deu-se ás 7 horas da manhã, e sem que ninguém soubesse como, o inquilino do predio em que houve fogo achou-se muito roubado. Os ladrões queriam no caso de ser descobertos encobrir as suas habilidades com o incendio arranjado talvez *ad hoc*? No facto de quinta feira parece haver uma tal ou qual coincidência que nos induz a ver nos acontecimentos um novo plano de rapinagem: aproveitarem o panico e a confusão d'um incendio para roubar.

Lembrámos á camara a necessidade de mandar desimpedir a valeta da rua de Santos Martyres. A valeta cortada abusivamente pelos carros de bois não dá expediente á agua, achando-se á entrada da Arrochella um deposito d'ella já putrida.

Não era mau de todo fazer sentir aos srs. carreiros com uma das posturas camararias a inconveniencia de passarem estupidamente com os carros atravez das sargetas.

Egualmente chamámos a attenção da camara para o estado lastimoso em que se encontra a rua das Olarias que conduz á rua de S. Martinho. Aquillo não é rua, é um lamaçal medonho, d'onde não é facil safar-se quem lá cair. Como na rua de Santos Martyres, os carros tem levado aquella passagem ao estado em que se encontra. Já foi ha tempo mandada concertar, ficando perdida toda a despeza, pois que construida de terra moveida não offerece nenhuma resistencia ao piso dos carros.

Tambem alguns moradores da rua das Barcas se queixam que existe n'esta rua um montão de pedras que o dono não faz caso de remover, tendo já occasionado quedas a quem passa alli de noite.

Grassa por ahi e nas povoações limitrophes a variola. No Boim-succeço e em Esgueira constanos que tem feito victimas, ap-

zar da molestia se apresentar de caracter um pouco benigno.

Dizem-nos que se tem applicado o mel aos variolosos, dando aquelle especifico os melhores resultados.

Não é nada lisonjeiro um tal estado attenta a proximidade das estações quentes.

Tem lugar no proximo dia 19 a feira de madeira que se faz annualmente n'esta cidade. D'hoje em deante é que a madeira afflue com mais abundancia, achando-se o mercado já bastante sortido principalmente de pinho.

O tempo vae d'uma inconstancia mulheril.

Ora chuva, ora sol, com umas intermittencias primaveraes; de manhã apparece-nos com um formoso sol, ao meio dia declina para um aspecto carrancudo, á noite uma chuva miuda, copiosa, impertinente, que faz arrelhar. N'outros dias apresenta-se-nos logo de manhã impregnado de humidade que descarrega até á noite. Em fim, não se sabe quando se tem pelos pés ou pela cabeça.

Dizem os lunaticos que são as despedidas do fevereiro, que é fertil em surpresas, e que o seu dominio dura até á lua nova. Dizem outros que estas irregularidades do tempo devem cessar com a entrada do nosso planeta no equinocio.

Em Eixo praticou-se na quarta feira um crime repugnante. Um malvado tentou contra a pudicia de uma menor de 7 annos. Dizem-nos que a creança está bastante magoada, pois que apresenta vestigios de ter soffrido grandes violencias.

A justiça procede.

Agradecemos á commissão executiva do club José Estevão Coelho de Magalhães, de Lisboa, o convite que nos dirige para nos fazermos representar na sessão solemne com que inaugura hoje o segundo anniversario da fundação do mesmo club.

N'um dos mercados do concelho d'Aguada dois industriosos tiveram a habilidade de vender a um camponio uma caixinha cheia de limalha de latão, que elles diziam ser ouro em pó.

A transação era de dez libras; mas o pobre ingenuo deu por conta trez, ficando os meliantes de procurar o resto do dinheiro.

São engraçadas as circumstancias em que se deu o logro, apesar de não serem originaes.

Falla-se em serem aposentados mais dois actores, com pingues remunerações pelos serviços prestados ao paiz e especialmente aos *dilettanti*, a quem elles distrahiram muitas horas de aborrecimento no meio da monotonia do nosso viver patriarchal.

E' estupenda a febre de aposentações a quem o paiz nada deve, e audaz o procedimento do governo esbanjando a mãos largas o erario publico na critica situação economica portugueza a braços com um deficit que engrossa progressivamente.

Mas... resignação e cara alegre. Assim apraz ao castellan d'estes reinos e ás suas impudicas odaliscas, que vendem caricias por tão alto preço.

Suspendeu a sua publicação o diário republicano, de Lisboa, *A Era Nova*.

Era um combatente energico, cuja falta se torna sensivel na guarda avançada do partido democratico.

Os paes da patria gastaram em rhetorica, em fazer estylo, para alindar a resposta á falla do throno perto de mez e meio. Na camara aristocratica é tratado o assumpto com toda etiqueta que a magnitude do caso requer. N'este

jogo, tem todos fallado pelos cotovellos, e ninguém se entende; com essa palhaçada indecente vae para trez mezes que o parlamento se acha aberto, não atinando com que banalidades devem responder ás banalidades do real discurso. Porque isso não passa d'uma fantasmagoria, a que o paiz não dá importancia, mas que lhe custa dezenas de contos.

Isto é uma mima...

O deputado Ferrão Castello Branco apresentou na respectiva camara um projecto de lei auctorizando o governo a cunhar moedas de um real e dois réis até ao valor de cem contos de réis.

Louvámos a iniciativa do illustre deputado, porque torna mais expedito e facil o pagamento das contribuições geraes, sempre moroso em consequencia de não haver nas recebedorias moeda de valor diminuto para trocos! E é só por isto que applaudimos o projecto, embora os recebedores não o olhem de boa vontade.

O fanatismo ou monomania religiosa tem dado em todos os tempos um valioso contingente para a chronica criminal. Enche talvez a pagina mais sangrenta da historia da humanidade, e é ainda no seculo XIX o cancro que mais affecta e deturpa a civilização.

Um pobre diabo, na rua Formosa, do Porto, atacado de furores mysticos, degollou a propria irmã, poucos dias depois que os congeneres de Sanfins tentaram contra a vida e propriedade do redactor do *Correio de Aljô*.

Vamos de velas enfiadas para o paiz dos Hottentotes.

A junta de saude de Chaves resolveu que em toda a casa em que houvesse qualquer molestia contagiosa fosse collocado um letreiro, designando o nome da doença.

E' de louvar esta providencia que é usada nos outros paizes quando grassa qualquer epidemia.

A nossa indignação subiu de ponto quando vimos nos jornaes republicanos de Lisboa que foram riscados dos cadernos eleitoraes não 300 individuos, como diziamos em o nosso numero passado, mas aproximadamente trez mil nos circulos de Lisboa e Belem!

Não nos surprehende o descaramento do roubo, mas não se pôde ir mais longe no grau de aviltamento a que chegou esse miserissimo systema que se escuda nas maiores torpezas de que pode lançar mão o mais polluido caracter.

Na direcção do correio de Gaia, havia desconfianças de que algumas das estampilhas que franqueavam as cartas, eram utilizadas mais que uma vez.

Depois de muitas averiguações parece que se chegou ao conhecimento de que esta habilidade era obra dos padres jesuitas que residem ahi para os Carvalhos em uma casa que lhes mandou construir o sr. D. Americo.

Coherentes em tudo estas beatificas creaturas. Não estão ellas fóra do consenso da sociedade?!

Não ha muitos dias que umas outras creaturas do sexo feminino, pertencentes a um dos coios da cidade da Virgem pretendiam transitar no comboyo com as garantias que os jesuitas dos Carvalhos pretendem para as suas correspondencias.

Deu-se ha dias em Lisboa um caso interessantissimo na igreja do Socorro. Tudo se preparava para a celebração de um casamento; não faltavam os padrinhos, os convidados, a noiva, o noivo, o padre prior, etc., quando de repente, deixando a todos boqueabertos e tranzidos de espanto o noivo se abala igreja fóra, desce ao adro, e procura rumo de sua casa. *Tableau*: a noiva deixando aos outros o desmaio do

estylo, corre frenetica, de candida pomba em bicho transformada, pela egreja e ruas gritando e chamando pelo seu ingrato noivo.

Esteve por um triz... o medroso celibatario.

O chanceler de ferro exige tres mil libras de cada nacionalidade que se fez representar na conferencia de Berlim, sob pretexto não sabemos de quê.

E' forte e até impolitico o novo codigo de direito internacional que o sr. de Bismarck creou para seu uso. Depois de nos tratar, nas pessoas dos delegados portuguezes, com as amabilidades que não dispensou com tanta abundancia a nenhum outro estado conferente, corrobora as suas sympathias por Portugal, mandando-lhe a conta a casa.

Temos um aphorismo muito theoreticamente nosso que o ministro allemão plagiou muito praticamente: — «amigos amigos, negocios á parte.»

Seja tudo pelo amor de Deus.

Diz uma folha hespanhola que estão processados, por crime de adulterio o cura de Guadalajara, e por corrupção de menores ou abusos deshonestos o cura de Totanès, provincia de Toledo.

As nossas auctoridades n'esse ponto, são mais tolerantes. Se se empregassem em castigar os coroados delinquentes, não lhes sobraria tempo para muito mais.

CONTRA A DEBILIDADE

Recommendamos o Vinho Nutritivo, de Carne e a Farinha Peitoral Ferruginosa da Pharmacia Franco, por se acharem legalmente auctorizados.

O chefe dos fenianos O'Donovan Rossa, conta no jornal que dirige, *The Irishmen United*, algumas peripecias do seu captivo em Chatam. Reproduzimos a titulo de curiosidade, um trecho d'essa narrativa.

«Tinham-me encerrado em uma masmorra subterranea onde vivi em meio da escuridão mais densa, sujeito a um regimen de pão e agua.

Como não me dêssem colchão nem travesseiro, envolvia-me em um cobertor grosso e ordinario. Um vaso voltado servia-me de almofada para a cabeça. Mas nenhum d'estes supplicios satisfiz a ferocidade ingleza. Um dia, os meus carcereiros entraram na cela e mandaram-me despir.

— Para quê? interroguei-os.

— Vá, dispa-se, responderam-me.

— Não lhes entregarei as minhas roupas se não me derem um leito, porque fazer deitar um homem n'uma terra é a tortura mais odiosa que se lhe pode infligir.

Os tres carcereiros lançaram-se sobre mim e despiram-me á força; um d'elles segurava-me pela garganta, o outro pelos pés.»

Attribue-se ás humilhações e torturas que O'Donovan soffreu durante o captivo, a sua ardente sede de vingança, o seu profundo odio aos inglezes e á Inglaterra, e d'aqui, por uma sequencia natural n'uma organização como a sua, os tramas infernaes que tem tecido para fazer sentir tudo o peso do seu rancor á ilha bretã que o maltratou.

As irmãs do general Gordon recusaram com affizez a pensão que o governo britanico resolvêra dar-lhes pelos serviços prestados por seu fallecido irmão.

Outro pontapé na arrogante.

A direcção de estatistica da Italia acaba de publicar a estatistica do ensino elementar.

O numero de escolas officiaes e particulares, ascende a 2:516, com 243:972 alumnos; o pessoal de ensino consta de 1:230 professores e 1:060 professoras.

Ha 40:220 escolas primarias officiaes e particulares, onde se acham inscriptos 1.976:135 alumnos, ou sejam 1.053:918 do sexo masculino e 922:219 do sexo feminino.

A's escolas nocturnas para adultos assistiram 242:012 alumnos, e as escolas dos domingos assistiram 122:107.

Ha na Italia 77 escolas superiores para senhoras, com 3:559 alumnos; 144 escolas normaes, com 8:311 assistentes (1:319 do sexo masculino e 6:912 do feminino). O numero de alumnos das escolas normaes tem duplicado desde 1861.

Como o actual rei da Birmania se não presta ás pretensões da França a respeito do Indo-China, os periodicos francezes inventaram um rei d'aquelle estado para seu uso especial.

O Figaro publica uma carta de Singapura que parece um conto oriental. O correspondente diz que o actual rei Birmaud é um usurpador, que assassinou pela

sua mão todos os filhos do monarcha fallecido em 1878. Da carnificina escaparam dois disfarçados em serviaes. Um d'elles, o primogenito e por consequencia representante do legitimismo birmano, apparece agora vivendo em uma casa de campo situada em Pondichery. Não é porém só isto: este principe, chamado Nyourng Jau, tem-se illustrado muito e é muito affeigado aos francezes. Tão amante d'elles e tão illustrado que, na opinião do correspondente, não hesitaria em favorecer as pretensões francezas com tanto que o collocassem no throno.

Mas o notavel do caso é que os inglezes, tambem interessados n'aquella região, arranjam outro principe herdeiro, Nyouth-Oek, tão legitimo como o dos francezes.

BIBLIOGRAPHIA

Revista de Estudos Li-

vres. — Recebemos e agradecemos o n.º 12 d'esta importantissima publicação. O presente numero contém:

O parlamentarismo nas sociedades modernas, por Teixeira Bastos.—Dialectos extremenhos, por José Leite de Vasconcellos.—Romancistas naturalistas: Julio Lourenço Pinto, por Reis Damaso.—O Cancioneiro da Ajuda, por Theophilo Braga.—Costumes dos fullos, por Frederico de Barros.—Bibliographia: Politica republicana, de Alberto Salles, por Theophilo Braga.

Assigna-se na rua do Arsenal, 96 — Lisboa.

Recebemos um opusculo de trinta paginas, no qual se expendem proficientemente considerações sobre uma representação dirigida pela Sociedade agricola de Santarem ao parlamento pedindo o augmento do imposto sobre o trigo.

Pela importancia do assumpto, pois que trata de uma questão de alimentação publica, emitiremos opportunamente o que nos suggerir a leitura do exemplar com que nos obsequiaram. Agradecemos.

Temos sobre a mesa a representação dirigida á camara electiva e ao ministro do reino pela commissão delegada da conferencia pedagogica do Porto do anno findo, em que faz sentir a necessidade urgente de se proceder a uma reforma d'ensino primario, e menciona na mesma representação os principios fundamentaes a que deve obedecer a reforma.

Recebemos o n.º 9 do magnifico jornal de modas hespanhol—**El Correo de la Moda**. Explicadas e variadas gravuras. Assigna-se em Portugal, unicamente em Lisboa, em casa de

Henrique Thompson, Calçada da Estrella, 141—1.º

Revista de Medicina Dosimetrica. Recebemos o 3.º numero do 6.º anno. Assigna-se na pharmacia M. J. Pinto & C.ª, Loyos, 36—Porto.

A Inquisição o Rei e o Novo Mundo. — Recebemos o fasciculo 12 d'este romance. Assigna-se na rua d'Atalaya, 18—Lisboa.

Recebemos o fasciculo 17 das **Mulheres de Bronse**, esplendido romance editado pela empreza Serões Romanticos. Assigna-se na rua da Cruz de Pau, 26—Lisboa.

Typ. do «Povo de Aveiro»
Rua da Alfandega, n.º 7

SECCÃO DE ANNUNCIOS

Officina e deposito de moveis

Rua de José Estevão

MANUEL F. LEITÃO apronta com a maxima brevidade qualquer encomenda que diga respeito á sua arte.

CAIXÕES FUNEBRES

Tem um grande deposito d'elles, de todos os tamanhos, sempre forrados e prontos para qualquer hora a que forem procurados.

CAIXEIRO

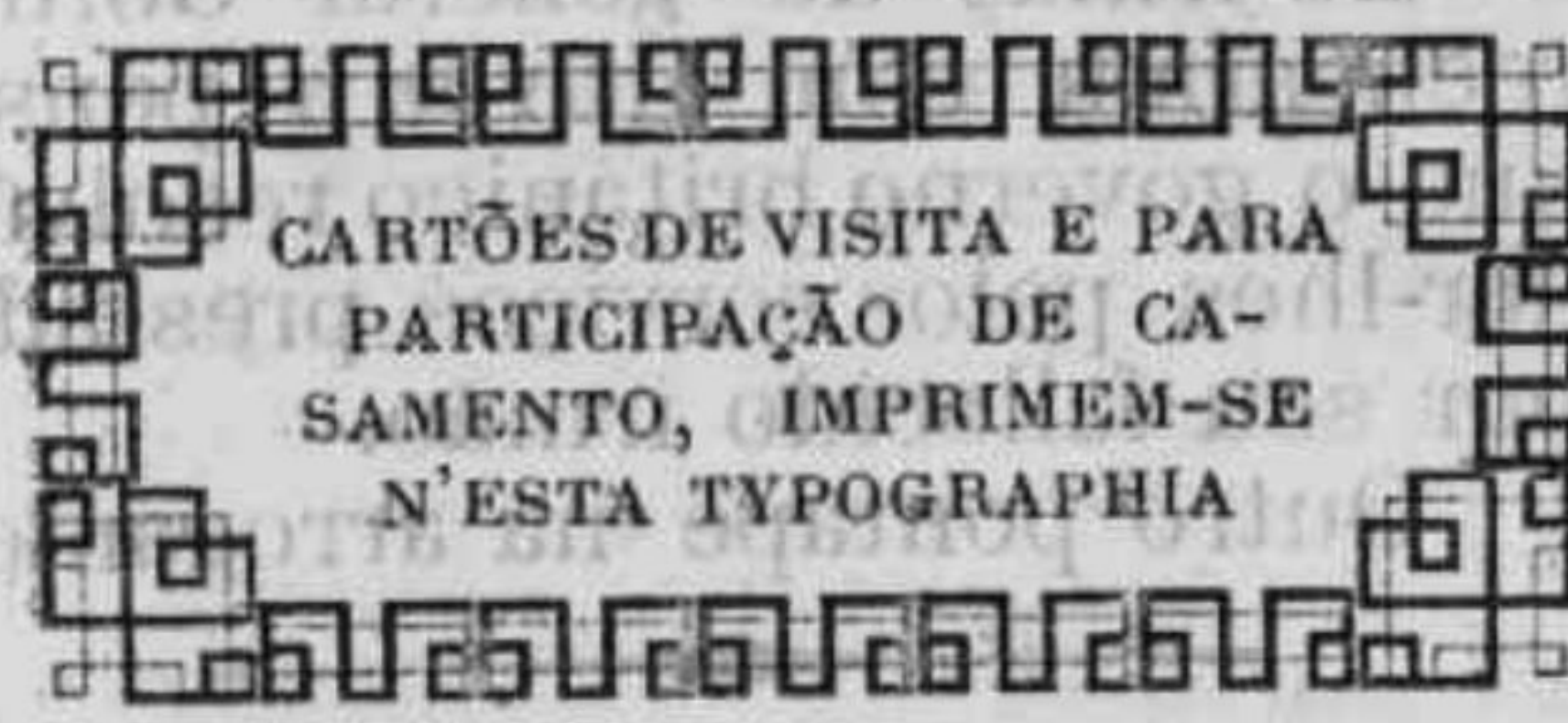
NA Companhia Fabril «Singer», d'esta cidade, admite-se um de pequeno ordenado, que saiba ler e escrever, e que seja de bons costumes. Quem estiver nas condições dirija-se ao gerente da mesma Companhia «Singer».

Rendimento certo sem emprego de dinheiro.

QUEM se fornecer dos seguintes e sta belecimentos, recebe como brinde cedulas do Banco Cooperativo Commercial e por consequencia tambem receberá o dinheiro que dispender nas compras que fizer, por isso que o banco pagará opportunamente o valor integral das mesmas cedulas.

Mercearia dos srs. Gamellas & Filho, Praça do Commercio. João Maria Ribeiro, com estabelecimento de serralheria e ferragens, rua Direita n.ºs 46, 48 e 50. Da eguaes garantias a quem alugar os seus carros.

Tabacaria do sr. Joaquim de Sequeira Moreira, rua Direita.



ELISIO FILINTO FEYO

9 E 10

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado, autorisado pelo governo, e approvado pela junta consultiva de saude publica

É o melhor tonico nutritivo que se conhece; é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debéis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inação dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescencia de todas as doenças aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debéis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres tambem de cada vez.

Esta dose, com quaesquer bolachinhas, é um excellente «lunch» para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para aceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se equal porção ao «toasts», para facilitar completamente a digestão.

Para evitar a contrafacção, os envoltorios das garrafas devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1884.

Acha-se á venda nas principaes farmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na farmacia Franco, em Belem.

Deposito em Aveiro na farmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

ELISIO FILINTO FEYO

PARTICIPA aos seus amigos e fregueses, que abriu o seu novo estabelecimento de ourivesaria na rua d'Alfandega, onde tem um bonito sortimento de objectos de ouro e prata que vende por preços sem competidor.

Contra a tosse

XAROPE PEITORAL DE JAMES, unico legalmente autorisado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approved nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco, em Belem. Os frascos devem conter o retracto e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1884.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

BANDEIRAS

HA-as de lindos gostos em casa de José Vieira Guimarães, que as aluga por preços modicos.

RIO DE ANERO

COLCHOARIA DO CORSARIO

Rua d'Assembleia — 106

E' prohibido sair freguez sem fazenda. A questão é de pintos á vista. Ser barateiro para arraujar dinheiro.

GENEBRA

SEM RIVAL

Tonica, hollandeza, da antiga fabrica de C.C. Morelra & C.ª

PREMIADA NA ULTIMA EXPOSIÇÃO AGRICOLA DE LISBOA. Consummo e acceitação geral em todo o paiz. Deposito em todos os estabelecimentos de mercearia no Porto.

JOÃO AUGUSTO DE SOUSA

COM

OFFICINA DE SERRALHERIA

EM

— AVEIRO —

FORNECE ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os sistemas, parafusos de toda a qualidade, ferragens estrangeiras, cammas de ferro, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, etc.

PREVENÇÃO

O proprietario do Hotel CYSNE DO VOUGA em Aveiro, entendendo que o edificio em que se acha, já hoje não pode comportar os freguezes que possui, por não ter commodos necessarios para os satisfazer, e estando o mesmo bastante deteriorado, e em pessimas condições hygienicas, resolveu fazer aquisição de uma outra casa sita na rua d'Alfandega, á beira do rio, proximo ao antigo hotel da Boavista, com os n.ºs 2, 3, 4, 5 e 6. Este novo edificio está em esplendidas condições d'um hotel de primeira ordem, para o que se está procedendo a consideraveis melhoramentos.

O Hotel CYSNE DO VOUGA será portanto installado na sua nova casa, na rua d'Alfandega n.ºs 2, 3, 4, 5 e 6, por todo o mez de março proximo, onde espera de novo a concorrência de todos os seus amigos e freguezes.

Aveiro 1 de Março de 1885.

O proprietario

Fernando Manuel Homem Christo.

XAROPE phelandrio composto de roza.

POMADA anti-herpetica do dr. Queiroz.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

Contra a debilidade

FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO, unica legalmente autorisada e privilegiada. É um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradável e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de appetite, em convalescentes de quaesquer doenças, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas edosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco, em Belem. Pacote 200 réis, pelo correio 220 r. Os pacotes devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

DEPOSITO em Aveiro, pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

HERPES E EMPIGENS

Curam-se em poucos dias com o uso da POMADA ANTI-HERPETICA do dr. Moraes. É muito util no tratamento das feridas chronicas.

Á venda nas principaes pharmacias do reino. Em Aveiro, pharmacia Moura; em Ilhavo, João C. Gomes. Deposito geral, pharmacia Maia, Oliveira do Bairro.

ARMAZEM

Aluga-se um nos baixos da casa que foi do fallecido Bento Magalhães, na rua de Alfandega.

Quem o pretender dirija-se a Fernando Homem Christo.

BIBLIOTHECA DO CURA DE ALDEIA 211—RUA DO ALMADA—217 PORTO

OS PREDESTINADOS

POR

Henrique Perez Eserich

Acaba de sahir do prelo o 3.º volume.

Preço de cada volume 500 réis.

Para os srs. assignantes 450 réis.

Está no prelo, e já muito adiantada a impressão do 4.º volume.

Para as provincias far-se-ha a expedição, franca de porte, mediante pagamento adiantado.

Ainda se recebem assignaturas na livraria do editor Joaquim Antunes Leitão, rua do Almada, 211 a 217, Porto, para onde deve ser enviada toda a correspondência, franca de porte.

Em Aveiro assigna-se na livraria do sr. David da Silva Mello Guimarães.